

ETNOGRAFIA E INTERDISCIPLINARIDADE

Samuel Sá
Simone Negrão de Freitas
Aldenize de Lima Silva
Aderli Góes Tavares
Jorge Albério do E. Santo
Departamento de Metodologia/UFPA

Resumo: Reúnem-se observações sobre três experiências de trabalho interdisciplinar. A apresentação é feita com o intuito de construir uma etnografia que envolva comparações. As conclusões destacam a necessidade de avaliação periódica dado o fato de que são experiências recentes. Há necessidade de um diálogo constante para evitar distanciamento entre o ideal e o real. Enquanto meio ou método, a interdisciplinaridade leva em conta mais que disciplinas diferentes e é construída como uma rede entre profissionais, através de necessidades concretas, e da busca de respostas que teoricamente podem ser diferentes do estoque de soluções anteriores.

Palavras-chave: etnografia, interdisciplinaridade, educação universitária.

ETHNOGRAPHY AND THE INTERDISCIPLINARY APPROACH

Abstract: This article presents observations involving three interdisciplinary experiences, undertaken for the purpose of developing a comparative ethnographic approach. Given that these experiences are recent, we underline the necessity for making periodic evaluations in order to avoid a polarization between the real and the ideal. Means and methods notwithstanding, an interdisciplinary approach takes into account more than just a conciliation between different disciplines, and is constructed as a network between professionals on the basis of concrete needs, and in search of answers that may differ from the sum total of our previous solutions.

Key words: ethnography, interdisciplinarity, higher education.

A abordagem interdisciplinar já mereceu atenção teórica. Hilton Japiassú (filósofo) e Paulo Freire (educador) são precursores dessa atenção no Brasil. A antropóloga Maria Cecília Sanchez Teixeira

(1990) trabalha conceitos como quadro epistemológico ampliado e educação ampliada. Aí temos significativa vertente brasileira como embrião deste texto.

Resta o problema de descer ao de-

Proposta de pesquisa "Enraizando a Pesquisa I e II". Financiada pela UFPA, salário, infra-estrutura, INEP(auxílio), CNPq (bolsa de pesquisador/bolsista de IC).

Endereço do autor: Trav. Bernal do Couto, n. 213 - Umarizal. Belém/PA, CEP: 66055-080.

talhe das práticas ou de situações onde se manifesta o esforço que se chama de interdisciplinar. Para etnografia, o lado interdisciplinar das relações não existe como abstração; ele ocorre em uma situação que acentua “códigos” de disciplinas diferentes, de profissionais diferentes, assumindo a busca de soluções para questões que não estiveram presentes nos seus períodos de formação unidisciplinar. Assim, as situações de **cooperação interdisciplinar** pedem um tipo de descrição densa que desmantele uma espécie de semiologia exclusiva e homogênea. Aqui estamos mais perto do conceito de **obra aberta** de Humberto Eco? Como hipótese ou como realidade, as várias leituras de uma mesma questão repercutem para os conhecedores, para o conhecido, para os usuários? Esse tipo de problema pede uma etnografia dos conhecedores caso pensemos que científicos não vivem sem usuários de seus resultados e estes não podem ignorar que, como usuários “usam” os resultados de dado momento e de dados científicos. Conhecedores é um conceito pertinente ao animal-político concreto e não apenas abstrato; com relações recíprocas mas assimétricas.

Para uma etnografia de situações interdisciplinares existe a discrepância entre ideal e realidade. E há nuances nos papéis, na duração, na intenção, no sentido instituinte, na possibilidade de auto-identidade de atores no ensino e na pesquisa.

Este estudo examina usos da abordagem interdisciplinar. Ele avança indagações e trata o problema como um possível tema de antropologia da educação e da ciência; por meio de síntese, visa a uma antropologia de conhecedores e não só do conhecimento, destaca sujeitos, situações, não apenas efeitos. Os autores destacam a perspectiva do uso de práticas interdisciplinares na universidade e em adjacências

tomadas como o 1º e o 2º graus. E a análise neste texto inclui duas partes precedidas de uma introdução e seguidas de uma conclusão. O que chamamos de partes tem como conteúdo:

1. Práticas de abordagem interdisciplinar:

Grupo “N. 1”, mais de duas décadas.

2. Práticas de abordagem interdisciplinar:

Grupo “N. 2”, menos de uma década.

Como técnica etnográfica este paper resulta de um projeto de dois anos para o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), e de observações anteriores que resultaram em comunicações e publicações. As observações incluem etapas de presença entre grupos que tentavam a abordagem interdisciplinar e se situavam em Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA); no Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), nos EE. UU. (Colorado School of Mines, Golden, Co). Também a técnica decorreu de **convites** para participar de situações envolvendo exame de temas interdisciplinares de breve duração como, por exemplo, bancas de exame com educadores da Universidade Federal do Goiás e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de S. Paulo, como sanitaristas na Escola Nacional de Saúde Pública, com educadores médicos na Organização Pan América de Saúde, com grupos de diferentes disciplinas em reunião do CNPq, em um comitê especial da Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em reuniões com docentes de química orgânica, com um grupo interdisciplinar de estudos de política científica e tecnológica, grupo de docentes incluindo cientista político e administrador, grupos de diferentes disci-

plinas tratando de políticas públicas, com grupo de religiosos, grupos de docentes e discentes de engenharia elétrica, de engenharia mecânica, de geografia, de profissionais das áreas de saúde pública e de medicina, com profissionais de saúde mental, e de modo permanente com o Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará (UFPA), e com uma equipe interdisciplinar de bolsistas de iniciação científica.

Nas diferentes situações que envolviam o convívio da observação participante e a brevidade dos convites, foi possível desvendar formas de abordagem interdisciplinar ou de interdisciplina. Diferenças de duração, de objetivo teórico ou prático, de pesquisar ou de ensinar ou de iniciar (como prolongados ritos de passagem) apareceram nessas oportunidades ou nessas “arenas”.

PROBLEMATIZANDO

Não separamos a problematização da teoria ou pelo menos de uma generalização. Quer dizer, nossa ênfase em uma etnografia dos conhecedores deriva de uma sensibilidade para a vertente de epistemologia que não separa ciências e **práticas dos cientistas** (Bachelard Canguilhem etc). Deriva também de Gerald Holt (1985) o qual refere abordagens internalistas e externalistas para a história das ciências, mas acentua o aspecto de “luta pessoal” dos praticantes das ciências ou conhecedores.

Nessa luta pessoal, será preciso reconhecer os conhecedores de “alto nível” mas também os neófitos ou iniciantes? Na instituição universitária, o problema da inserção de práticas interdisciplinares, bem como o problema do recrutamento de novos pesquisadores tem características institucionais?

Porém, existem características de **luta pessoal**, instituinte para o enraizamento da pesquisa antes dos diplomas? Como indicador formal, o curso e o diploma esgotam as possibilidades de preparação para/ou de atuação em pesquisa? Quer a possibilidade de **abordagem interdisciplinar**, quer a iniciação científica podem ser acopladas enquanto problemas conexos? Essa conexão é possível como um artifício heurístico dado que os currículos regulares da universidade não incluem oportunidade interdisciplinar nem todas as facilidades de iniciação científica. Mas, no interior da universidade a construção do currículo vivo (espelhado no currículo *vitae*) oferece ocasiões que não têm sido mapeadas e analisadas. Nosso projeto abrange esse duplo aspecto do problema (Um outro paper desta reunião da Aba detalha parte da nossa abordagem de pesquisa sobre iniciação científica).

Podemos tomar a discrepância entre anúncio e encenação. Na tradição “aulista” de universidade a pesquisa é um “luxo”. Mas essa tradição pode passar pelo crivo Humboldtiano da universidade paulista e pesquisante. Neste outro sentido cabe o entendimento da universidade como um espaço culturalmente localizado e tão importante como as ilhas Trobriand para Malinowski, como Itá para Charles Wagley, como os Tapirapé para Mércio Gomes. Só que desejamos na etnografia a surpresa dos lados instituintes da universidade; tomamos de Cornelius Castoriadis a perspectiva instituinte, ou seja, o tempo, o espaço e atores que por insatisfação ou por sobrevivência abrem novas “avenidas” de comunicação na **polis** da universidade. Instituinte igual a embrião?

Tentativamente, o construto de etnografia dos conhecedores pode ser diagramado como segue. Ele parte do contraste

com a figura do pesquisador “solitário” ou isolado dos demais, e abrange os possíveis usuários do produto.

Construto:

Situação unidisciplinar: pesquisador individual, unidisciplinar.

Quadro 1. Situação interdisciplinar

<p>Situação interdisciplinar:</p> <p>CONHECEDORES</p>	<p>Pesquisador individual; disciplina X unido a Pesquisador individual; disciplina Y unido a Pesquisador individual; disciplina Z unida a</p> <p>Usuários do processo: micro Comunidade científica; unida a Usuários do produto: sociedade que reprocessa.</p>
--	--

Neste diagrama buscamos indicar o “campo de forças” que é abrangido pelo conceito de conhecedores para os fins do presente estudo. O desenho destaca a parcela de conhecedores diversificados, construção do conhecimento. Emerge deste jogo a possibilidade em que não ocorre uma “plataforma” única: existem as disciplinas diferentes, a comunidade científica, e há os usuários. Para fins de interação, o papel da passividade e da iniciativa, é redistribuído: pesquisadores, comunidade e sociedade podem ser alternativamente agentes e pacientes.

Fica o problema de indicar a mediação que **atrai** os diferentes pesquisadores para interagir na interface da sua disciplina de origem em relação a outras disciplinas em transação centrada menos em cada uma (centripetamente) e mais em direção à realidade ou ao problema datado e situado.

Em consequência, a tentativa de uma etnografia dos conhecedores pode ser entendida com abrangência maior. E para os fins deste estudo já existe material disponível focalizando interagentes, ou seja, pesquisadores abrigados em momentos de curta ou de longa duração, em situações sinalizadas por trabalhos escritos em co-autoria, docência em co-autoria, aplicação e

construção de formulações em co-autoria.

DUAS SITUAÇÕES RELEVANTES

Deixando temporariamente de lado os níveis referentes à comunidade científica e aos usuários, neste texto acentuamos uma parcela: a exploração de interdisciplinaridade como uma abordagem em um grupo de ensino e pesquisa e tentaremos estabelecer comparação com outro grupo interdisciplinar que combina pesquisa e aplicação (research x development).

Acompanhamos, longamente (desde a fundação na década de 70 até os dias atuais) um grupo marcado pela autodenominação de interdisciplinar. Para fins de etnografia será intitulado como o grupo “N. 1”.

Esse grupo foi estabelecido como uma experiência pioneira a partir de intuições de educadores que procuravam resgatar a dívida da universidade em face da região onde ela existe. Dissemos existe porque fica aberta a perspectiva para examinar a diferença que intui a proposta do grupo: existir no espaço ainda não dito tudo enquanto não houver condições para que a universidade examine problemas, se antecipe a novos problemas, esteja como que em “plantão permanente”, a fim de devolver respostas ou soluções para a socie-

dade que a cerca.

Tudo começou como uma tentativa de não sucumbir às forças centralizadas de uma “reforma universitária” que importava o modelo “made in U.S.A”. A lucidez de um grupo de estudantes aliada a um grupo de docentes influenciados por ciências econômicas menos tecnocráticas e mais humanistas é que tomou a dianteira na proposta. Houve a excepcional oportunidade de **inserir** o grupo “N. 1” no texto do estatuto e do regimento da Universidade, que normalizava o ensino do 3º grau, em um momento onde mestrado e doutorado ainda não eram uma tradição formada.

A referência estatutária visava garantir que o experimento interdisciplinar ganhasse estatura universitária em nível de pós-graduação (especialização). O “N. 1” tinha a especificidade de ficar ligado ao nível administrativo mais elevado (a reitoria), mesmo que respeitasse como canal de entrada e de relativa fixação de docentes os departamentos convencionais. Alunos e alunas entravam diretamente no “N. 1”, mas docentes, salvo a exceção de visitantes, entravam “indiretamente”. Com o passar do tempo a relação entre o “N. 1” e a reitoria permaneceu regularmente favorável, mas o mesmo não aconteceu com os departamentos como um todo, os quais, em dado momento, se sentiram como que “espoliados” com a alegação de que o “N. 1” tendia a ficar uma “torre de marfim” e o indicador mais clamoroso era que docentes e pesquisadores do “N. 1” não se relacionavam com departamentos e não davam aulas na graduação. A situação se agravou com a fixação de professores visitantes através de concurso em departamentos, reacendendo a dificuldade da relação estrutural que estava na “letra da lei” de fundação do “N. 1”. Ao fim de duas décadas

emergia a dificuldade por causa de um novo nível institucional desejado: a formação de um projeto de doutorado. Entre as discussões a respeito do doutorado passou a necessidade de um **corpo próprio** de docentes pesquisadores; a esse alvo foi acrescentado o detalhe de um corpo próprio de doutores, sem consideração para o fato de que o “N. 1” abrigava pesquisadores e docentes não doutores até porque o doutorado não tinha sido sua destinação original e única.

Nos primeiros 20 anos o “N. 1” tinha experimentado a interdisciplinaridade como uma qualificação que incluía mediações interdisciplinares nas **decisões** de seleção e de defesas de tese. No caso do mestrado e no caso da especialização, havia a manutenção de um tema “gerador” que nos primeiros anos se desdobrava em grupos permanentes de estudo interdisciplinares, interinstitucionais e internacionais. Após algumas experiências de especialização esse tipo de nucleação caiu em desuso.

Ao longo do tempo dois tipos de forças atuaram no sentido de criticar o processo. E perguntavam “Por que não há grupos interdisciplinares de pesquisa”? “Por que não há grupos interdisciplinares de ensino”? “Por que não há grupos interdisciplinares de orientação”? “E, salvo exceções, na publicação de textos a co-autoria não era generalizada no “N. 1”, mesmo que um estudo empírico mostrasse que co-autores apareciam na experiência desse grupo. Essas questões tiravam a interdisciplinaridade do nível *laissez faire, laissez passer, le monde s'en vá de lui même*; traziam-na para um centro de discussões e de propostas.

Atualmente, o grupo está em uma nova fase. Os folders do mestrado e da sua proposta de doutorado anunciam a interdisciplinaridade como uma das linhas mes-

tras do programa. No caso do mestrado, um recente instrumento interdisciplinar é o módulo (“operacionalmente um módulo compreende a soma do esforço correspondente a três disciplinas do mestrado”; cada módulo equivale a “135 horas totais de atividades em sala de aula”). O mestrado prevê um conjunto de dois módulos histórico-teóricos e três temáticos. Esse tipo de mediação interdisciplinar, reconhecido pelo folder foi iniciado em 1989, no rastro de esforços que combinaram iniciativas internas e pressões externas em função de avaliações institucionais. Nesse tipo de solução não está ressaltado se faz ou não diferença que os módulos sejam trabalhados com os docentes, apresentando sua colaboração em presença de outros docentes ou apenas em presença de discentes. A concomitância é uma face heurística do modo interdisciplinar de colaboração se isto clareia a abordagem, o processo e o produto. Como a encenação a presença de colaboradores (docentes, discentes) não é inócua, a crítica da passividade focaliza docentes e discentes.

Em destaque, a proposta do doutorado provocou uma reestruturação estrutural no “N. 1” que concluiu por englobar seu trabalho sob o título de “Programa Interdisciplinar”. No detalhe, o título aparece explicitado da seguinte forma: “a partir de uma interdisciplinaridade, inovadora e crítica, apoiada em sólida e contínua discussão metodológica é eficiente consolidação da formação unidisciplinar” (NAEA, 1993). Em um conjunto de 19 tópicos, o doutorado inclui sob n. 16 “Metodologia da Interdisciplinaridade” e no corpo de professores há um que tem como tarefas “Teoria do Desenvolvimento, Industrialização, Metodologia Interdisciplinar” e outro docente trabalhando com “Metodologia Interdisciplinar, Teoria de Sistemas, Termo-

dinâmica”. Assim, a perspectiva mais recente, de algum modo, prevê interdisciplinar a colaboração mediante meios que não são ocasionais e que podem ser molas de aperfeiçoamento continuado.

O quadro a seguir esboça uma sinopse de duas décadas de experiência de um grupo interdisciplinar pioneiro, na UFPA. O resultado do quadro é uma imagem do campo de forças que operam no interior e no exterior do projeto. Em pouco mais de 20 anos o grupo teve meia dúzia de executivos na Direção. Como proposta interdisciplinar a formalização não é melhor do que o interesse dos participantes. A vitalidade do “N. 1” parece mais acesa quando tomada em mãos por várias pessoas. A inexistência de avaliação sistemática, interna ao grupo, e sublinhando os “altos e baixos” do modo de interdisciplinar, a colaboração pode valer como um ritual de intensificação? Interessante é notar que, na estrutura da universidade, os relatórios anuais foram previstos para ser uma oportunidade de avaliação ao vivo. Há um artigo do regimento em vigor (da Universidade) que prevê reunião plenária dos departamentos para avaliar relatórios antes de prepará-los (Art. 143 § 2), mas isto é ainda um recurso inexplorado e reduzido apenas à rotina escrita, quer dizer, é feito, porém do mesmo, não derivam conseqüências, salvo a de ser uma exigência que nasce na formalidade e morre na burocracia.

Na sinopse, um outro modo de “olhar” aparece no possível campo de forças. Isto diz que a experiência interdisciplinarizante do “N. 1” não é apenas como a de uma “ilha”, ela “incomoda” pessoas e instituições e outras pessoas e instituições a “incomodam”.

Três décadas de experiência de um grupo interdisciplinar pioneiro:

Quadro 2. Esboço de um campo de forças em três décadas

CAMPO DE FORÇAS	DÉCADA I (70/80)	DÉCADA II (80/90)	DÉCADA DE 90
Busca interna de identidade	Início com tema geral para especialização. Adiciona mestrado. Grupos docentes fazendo abordagem docente; grupos discentes trabalham em temas. Grupos são multidisciplinares, internacionais, interinstitucionais. Decisão na seleção e na conclusão dos trabalhos.	Internamente nascem insatisfações vindas de avaliações assistemáticas. Hipótese: "melhoria depende de autonomia"; se "N. 1" for igual a departamento, será melhor; "herança maldita", "encruzilhada turbulenta". Insatisfação com avaliação mais alta.	Autonomia conquistada. "Racha". Adição de doutorado. Rearticulação do grupo remanescente. Nova interdisciplinaridade anunciada. Novos papéis de docentes: "metodologia interdisciplinar".
Pressão externa inclui entre outros indicadores a problematização das práticas interdisciplinares. * Legenda: = interdisciplinar.	Avaliação externa da CAPES ainda em comitê unidisciplinar.	Avaliação externa no meio da década. Contexto: havia outros 10 programas. Além da CAPES, a pró-reitoria de pesquisa traz avaliadores externos. Chega à mais alta avaliação externa (CAPES).	Do "racha" novos grupos: outro doutorado e três programas da ciência aplicada.

Fonte: Sá, S. *et al.*, 1994. Observação direta

O grupo "N. 2" está reunido em um programa que não se autodenomina de interdisciplinar. O nome do grupo é uma sigla derivada da realidade selecionada como objetivo fim. O arranjo institucional usa setores unidisciplinares (educação, saneamento, agrossilvicultura, saúde, energia, beneficiamento), seis assessorias (comunitária, municipal, documentação e informação, financeira administrativa, cooperação, habitação estudantil) e uma coordenação geral. A mediação interdisciplinar é recorrente porque o grupo faz pesquisa, extensão, e ensino (sob a forma de educação extra-classe ou extracurricular por ser objeto de visitas, demonstrações, e manter um processo contínuo de contacto com a realidade dos locais onde trabalha, perfazendo um ritmo educativo de ensinamentos e aprendizados mútuos).

A localização da sede do grupo "N. 2" aproveita uma área de várzea no campus da Universidade (a maioria dos outros locais fica em terra firme). As outras subdivisões da Universidade ocupam construções de alvenaria. O programa em tela abrange uma construção de madeira que contrasta com o conjunto maior o qual inclui

também uma construção de ferro. O entorno das demais construções da é mormente cercado de grama; as adjacências do programa têm um mínimo de grama e a maior parte do terreno apresenta árvores e vegetações remanescentes de uma antiga plantação e alguns módulos ocupados com um viveiro e locais de demonstrar agricultura em andares. O espaço inclui o começo de um pequeno ancoradouro.

A datação do grupo "N. 2", nos termos de integrantes é assim "As idéias que norteiam o Programa... começaram a ser delineadas a partir de uma pesquisa sobre as condições de sobrevivência das camadas populares na periferia de Belém e a percepção que essas têm de sua própria inserção nas estruturas vigentes" (Mitschein, T., Miranda H., Paraense, M., 1989). Mais tarde (em 1994) eles resumem: "Confrontados com a realidade dos municípios, os membros da equipe de pesquisa se conscientizaram rapidamente da urgência de elaborar e implementar programas integrados que:

- dissessem respeito ao **conjunto** das necessidades e aspirações das populações pobres;

- considerassem conseqüentemente, além do saneamento básico, as áreas de saúde, nutrição e educação, bem como baixos níveis da renda familiar;

- e fornecessem subsídios técnico-sociais para políticas públicas voltadas contra o círculo vicioso entre o aumento da pobreza e a degradação do ambiente natural". (Amazônia: alianças em defesa da vida. 1994. p. 35, 36).

Nos anos de 87/88 um embrião do grupo "N. 2" coordenou um programa de especialização sobre a Amazônia que teve discentes oriundos de outros países da Pan Amazônia. Conforme a coordenação, uma parcela do conceito de "agricultura em andares" deriva de populações indígenas da Amazônia como um todo e foi a partir de uma atenção para "soluções indígenas" da selva amazônica que surgiu uma primeira "pista" tentando delinear tecnologias que de algum modo fossem como que "ambientalmente corretas". O "batismo de fogo" posterior ao tempo mais estritamente acadêmico, ocorreu com uma experiência de saneamento (microsistema de água potável) para uma comunidade suburbana do Bairro do Bengui (Belém/PA) que havia sido sujeito na pesquisa sobre condições de sobrevivência. Nessé meio, um sistema de água tratada que em valores do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) tem um custo em torno de US\$ 55,00 foi planejado e implantado ao custo de US\$ 11,00 per capita. "Isso foi possível, também, devido ao engajamento da população envolvida através do trabalho de mutirão" (Mitschein, T. *et al.*, 1994. p. 35). Desde os discentes do curso de especialização, passando pela pesquisa e pelo contacto em populações-extra-universitárias, coloca-se o problema do diálogo e da comunicação para envolvimento efetivo. Assim, a atenção a "soluções indígenas", o mutirão,

a intercomunicação por via de h. q. (histórias em quadrinho) fazem parte da mediação atenta à reciprocidade em "trabalho de interesse comum" (Idem, 1994: p. 40).

Dada a estrutura do grupo "N. 2" e sua trajetória no tempo, é de notar que a possibilidade de o mesmo interdisciplinar sua ação passa por uma constelação de fatores. Tal constelação se torna notável quando: 1) o grupo tem se mantido com o essencial de uma equipe original que passou de três para quarenta pessoas; 2) o grupo tem processos e produtos interdisciplinares aguçados pela tentativa de dar atenção concomitante a problematizações e à solução diante de necessidades de médio prazo; 3) na primeira tentativa, o grupo "sentir" necessidades por meio de pesquisa de campo; 4) em 1993, um agrônomo do setor de agrossilvicultura foi distinguido como "agrônomo do ano"; 5) no arquivo do grupo existem solicitações escritas (do tipo "abaixo assinados") solicitando seus "bons serviços"; 6) há um tipo de "prestação de contas" em intervalos de aproximadamente um a dois anos onde a teoria e a prática do grupo se retratam e de algum modo se criticam.

O esboço de síntese de etnografia dos conhecedores embutida no "N. 2", a seguir, destaca alguns traços característicos que ajudam a mapear a cultura dessa "conhecelândia" ou terra de conhecedores.

Quadro 3. Tipologia de conhecimentos em situações interdisciplinares

CONHECEDORES	<p>Pesquisadores e profissionais de ao menos seis disciplinas, incluindo ciências sociais, ciências da vida, ciências da terra, e ciências exatas, oriundos de cinco instituições, incluindo doutores, mestres, especialistas, e graduados, no total de 40 pessoas distribuídas em uma coordenação geral, seis assessorias e seis setores unidisciplinares (educação, saneamento, agrossilvicultura, energia, saúde, beneficiamento).</p> <p>Usuários do processo: pesquisadores e profissionais alertas para aplicar e refletir sobre possibilidades de suas disciplinas, bem como sobre problemas e soluções de sete grupos populacionais de áreas rurais.</p> <p>Usuários do produto: usuários críticos, fazendo adaptações de propostas ou de respostas; o mesmo conjunto de “usuários do processo”.</p> <p>Publicações periódicas refletindo e “dando conta” dos trabalhos mediante textos em co-autoria (pelo menos 3 em cinco anos). Os trabalhos envolvem: pesquisa, extensão e ensino do tipo de “educação ampliada”.</p>
---------------------	--

FONTES: SÁ, S. (1994) e MITSCHERIN, T. *et al.* (1994).

CONCLUSÕES

A - Faz sentido a tentativa para montar uma etnografia dos conhecedores para desvendar uma etnografia de situações de colaboração interdisciplinar? Um possível marcador de sentido aparece e se destaca na medida em que vão se acumulando as tentativas de dispor de um acervo de estratégias. Em consequência dos sinais de força do modelo de divisão das ciências e das disciplinas aquelas oportunidades de colaboração, na UFPA, enfrentam uma espécie de “campo minado” por causa da relativa inovação de aproximar ciências ou disciplinas. O “figurino” comteano toma a dianteira, por exemplo, quando departamentos abrigam mais de uma disciplina: com o tempo, a tendência de departamentos é ser estritamente unidisciplinar. Por isso, o acervo de estratégias significa “invenções” não convencionais e tendendo para se limitar à curta duração (seleção, exame de teses, de projetos). Uma espécie de “salto” qualitativo emerge com as iniciativas de “módulos”, envolvendo grupos de professores, co-autoria de projetos, preocupação com “metodologia da interdisciplinaridade”, reconhecimento de soluções entre parceiros extra-universitários, combi-

nação de ensino (como educação ampliada), pesquisa e extensão, e indicadores de vida acadêmica “posta à prova” sob a forma de publicações a intervalos dados e em co-autoria. É muito significativo que entre esse acervo de estratégias compareça uma setorialização que procura ser sadia por englobar a permanente sutura ou aproximações efetivas mais alienadas do compromisso de estar alerta para a realidade das soluções e das necessidades das populações.

B - O construto da etnografia dos conhecedores retoma a possibilidade de “devolver conhecimentos” para a sociedade. Esse “devolver” implica um processo educativo que não defende a idéia de que “fora da universidade não há solução”. Este esforço de “devolver” é um esforço de reconhecer o campo de forças da universidade que assim poderá se “desencastelar”, ou seja, sair de seus muros. O esforço de “decodificação” das disciplinas provocadas a um entrelaçamento não se resume aos praticantes das disciplinas ou à simples difusão como aludiu Holton (1989). Neste caso, as tentativas de intercomunicação têm a ver com o intervalo liminar nos ritos de passagem onde há decodificações recíprocas. Mas aqui também ocorre a im-

portância de não separar demais quem pensa, quem usa, que repensa o que usa.

C - E finalmente (pelo momento), é possível rever os anúncios, as encenações e/ou as arenas de um ponto de vista cognitivo. Não se trata de acentuar o produto; trata-se de realçar o que Jurgen Habermas denominou de processo cognitivo emancipatório. Emancipatório por reaproximar teorias e práticas de vida.

Como uma das queixas e reclamações jogadas para cima da instituição universitária sublinha a possível alienação da realidade, a localização de práticas interdisciplinares prepara base para outra relação entre a universidade e a sociedade. No caso da colaboração interdisciplinar estabelecida como busca de soluções ou respostas para a sociedade, ocorrerá também a busca de soluções **com a sociedade**. Nesta direção o programa "N. 2" tem "jogado" com muita ênfase para uma perspectiva política não assistencialista e não elitista. É claro que a recenticidade do "N. 2" não esgota suas possibilidades e seus limites por naquela "conheceldândia" se levar a sério o significado da reciprocidade assimétrica dos "animais políticos". Assim, a relação entre etnografia e situações de colaboração interdisciplinar inclui o "choque cultural das disciplinas", a possível liminalidade das interfaces, a tentativa de reconsiderar seres humanos de "fora" da Universidade como parceiros capazes de maturidade e de serem fonte de invenções, e não só para percepção de "carências".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOLT, G. *La imaginación científica*. México: Fondo de cultura, 1985.
- MITSCHEIN, T., MAGAVE, J., JUNQUEIRA, R. *Amazônia, alianças para a vida*. Belém: UFPA, 1994.

NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS - NAEA/UFPA. Folder. Belém, 1993.

SÁ, S., ESPÍRITO SANTO, J. A., FREITAS, S. N. *Etnografia e interdisciplinaridade*. Belém, 1994. Trabalho não publicado.

TEIXEIRA, M. C. S. *Antropologia: cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.